

Tenaya King: Cultura Circular em Conversa é uma série de entrevistas em áudio para explorar arte, cultura, ecologia e mudanças climáticas na América Latina e no Caribe. Você consegue imaginar todos os festivais da América Latina e do Caribe brilhando não apenas por sua criatividade, mas também por seu impacto positivo no planeta?

Este é o futuro que estamos criando por meio do programa Cultura Circular, desenvolvido em colaboração entre o British Council e a Julie's Bicycle. Vamos primeiro ouvir María García Holley, do British Council, descrevendo o projeto. Em seguida, vamos pular direto para uma entrevista com dois festivais maravilhosos do Caribe.

María García Holley: Bem-vindo ao Cultura Circular em Conversa, um espaço para explorar como a cultura e a sustentabilidade podem transformar festivais e práticas artísticas na América Latina, Caribe e Reino Unido. Meu nome é María García Holley. Sou Diretora de Artes e Cultura do British Council e das Américas e Caribe.

A Cultura Circular nasceu em um contexto pós-pandêmico no momento em que os festivais buscavam recuperar o ímpeto após o passado global, ao mesmo tempo em que enfrentavam o desafio premente das mudanças climáticas. Este programa conecta festivais digitais e híbridos presenciais em toda a região com o Reino Unido, promovendo um intercâmbio cultural que vai além do artístico.

Por meio da orientação de especialistas, apoio financeiro e integração de práticas sustentáveis, a Cultura Circular impulsiona novas formas de criar e vivenciar a cultura com responsabilidade ambiental em seu núcleo. Com mais de 110 festivais em 75 cidades diferentes, construímos uma rede de projetos comprometidos com a sustentabilidade e a inovação.

Graças ao treinamento e orientação fornecidos aos nossos parceiros, promovemos ativamente as melhores práticas para reduzir o impacto ambiental do setor cultural. Neste podcast, exploraremos as experiências, desafios e inspirações daqueles que estão transformando o cenário cultural. Junte-se a nós nesta jornada.

Tenaya King: Olá a todos. Eu sou Tenaya King, da Julie's Bicycle, uma organização sem fins lucrativos que mobiliza as artes e a cultura para agir sobre a crise climática, da natureza e da justiça. Estamos oferecendo o programa de treinamento e mentoria de Cultura Circular, apoiando os festivais para deixar um impacto positivo no planeta. Hoje estou muito animada por ter a companhia de Marvin, do Groundwork Festival, na Jamaica, e Keron, do Welcome to Freetown, em Trinidad e Tobago. Estou muito animada para ouvir sobre suas experiências combinando criatividade e música com o cuidado com o planeta e aprender so-

bre as maneiras pelas quais eles estão trabalhando para um futuro melhor para suas comunidades e natureza.

Ambos os festivais trabalham para centralizar a cultura tradicional no Caribe e têm foco na sustentabilidade ambiental. Hoje estamos aqui para falar sobre a maneira como eles conectam as comunidades e compartilham conhecimentos artísticos exclusivos de sua região. Olá! Como vocês dois estão?

Marvin George: Sim cara, tudo de bom. Manhã, manhã, manhã.

Keron Niles: Bom dia a todos.

Tenaya King: É tão bom ter você aqui. Marvin, para começar, você quer nos contar sobre o festival e o trabalho que você faz e seu papel?

Marvin George: Sim cara, sem problemas. Bem, atualmente atuo como Diretor do Festival para o Groundwork. Essencialmente, o Groundwork é um, chamamos de festival de masterclasses, talvez um micro festival de masterclasses, por causa da maneira como visa comunidades específicas.

É operado na Escola de Drama da Faculdade de Divisão e Artes Cênicas Edna Manley na Jamaica. E, essencialmente, o que estamos fazendo no Groundwork é que estamos buscando maneiras de oferecer às pessoas que podem estar fora do ensino superior, não necessariamente em um programa de graduação. Pessoas que são artistas praticantes, trabalhadores da cultura em várias comunidades e assim por diante - para o chão, por assim dizer, conosco no drama, teatro, artes cênicas e cultura tradicional caribenha.

Nesta iteração em particular, serão focadas nas formas culturais tradicionais do Caribe, especificamente o Jonkonnu da Jamaica, a tradição Kumina da Jamaica e o baile de máscaras tradicional caribenho, bem como o Caribe e a anti-narrativa. Essas são as áreas em que nos concentramos. E então, é claro, dentro disso, a conversa sobre sustentabilidade está ligada.

Tenaya King: Isso soa tão incrível. Toda vez que falamos com festivais no programa Cultura Circular, eu sempre sinto que tenho que ir a isso também. E Keron, o que é, conte-nos tudo sobre, Bem-vindo a Freetown. Como você está envolvido?

Keron Niles: Oi, bom dia. Meu nome é Keron Niles e sou o gerente do Freetown Collective. Freetown Collective é um conjunto musical de seis peças de Trinidad e Tobago que faz música caribenha sem remorso. Se você ainda não ouviu a música do Freetown Collective, você tem nossa permissão para pausar este

podcast e pesquisar Freetown Collective no Spotify ou Apple Music ou onde quer que a música seja encontrada.

E fique impressionado, então você pode voltar e nos agradecer mais tarde. Sim, mas Freetown Collective é o nome da banda. É, eles fazem música caribenha incrível. É por causa do ethos dessa banda que nos encontramos realmente querendo tornar nosso evento mais sustentável, porque eles, sua música é sobre a história humana. Parece ótimo, é uma história muito humana.

Fazemos música significativa. E então decidimos embarcar em uma jornada de sustentabilidade, não tentando alcançar tudo em um ano. E isso - para todos os festivais, todos os anos estão ligados ao caráter tradicional associado ao Carnaval de Trinidad e Tobago, certo?

O festival deste ano está ligado a um personagem chamado 'jab', que é um 'jab de corda'. O que é algo sobre o qual podemos falar à medida que avançamos. Também posso falar com você sobre como realmente desenvolvemos o programa para quais personagens tradicionais teremos, ou apresentaremos. E podemos falar sobre isso à medida que avançamos e eu não quero monopolizar o microfone, mas é essencialmente isso que estamos fazendo e decidimos um, destacar nossos personagens tradicionais e dois, tornar o evento mais sustentável. Então isso é algo de que estamos muito orgulhosos. E ainda estamos, ainda estamos no processo de fazer isso, então sim.

Tenaya King: Isso é incrível. É definitivamente uma circular contínua, iterativa - eu vi uma citação recentemente que era como, a revolução é chatamente iterativa. Então - Estamos sempre trabalhando para melhorar.

Falando nisso, acho que isso, a jornada iterativa, Marvin, começaremos com você sobre a jornada da Groundwork para a sustentabilidade. Você acabou de dizer que Groundwork é realmente baseado na cultura, ou o nome é baseado na cultura e nas artes, mas também é obviamente uma boa referência à natureza.

Você ou a Groundwork em geral tiveram um tipo específico de momento de realização com a sustentabilidade? Qual é a sua trajetória?

Marvin George: Eu poderia voltar um pouco. Curiosamente, Groundwork era o nome original da companhia de teatro de pós-graduação da Escola de Drama no final dos anos 1970, início dos anos 1980.

E muito recentemente, pensamos que o que queríamos fazer era renovar esse nome - que há poder no nome. E sentimos que o poder do nome deveria ser renovado para o tipo de trabalho que queremos fazer no futuro. Portanto, é real-

mente uma atividade em três frentes. Por um lado, é a reformulação de uma companhia de teatro de pós-graduação.

É a criação de uma atividade de crowdfunding, e depois há as masterclasses do Groundwork, que estamos transformando no microfestival. Este ano foi realmente a primeira edição, o que significa que esta edição com a bolsa de Cultura Circular é a primeira vez que a organizamos como um festival de masterclasses.

Nós pilotamos o projeto no ano passado em julho, desculpe-me, fazendo workshops de direção conceitual. E então, desta vez, quando sabíamos que queríamos fazer formas culturais caribenhas e começamos a fazer isso em março deste ano. O negócio sobre sustentabilidade e as conversas e sensibilidades ambientais...

Descobrimos que estão realmente localizados dentro das próprias tradições nas quais estamos tentando nos basear. E assim, tornou-se uma espécie de encontro fortuito que tivemos, a oportunidade de cultura circular e esse festival que estávamos buscando acontecendo ao mesmo tempo. Embora todas essas tradições, as cosmologias que as produzem, cosmologias que são originalmente muito conscientes de seus ambientes. Alguns deles são mais velhos do que nós na época em que estamos, e por isso são agrários, e todos esses tipos de coisas. Para que haja uma sensação de - eu odeio fazer isso, mas - aterramento. E também é fortuito que o nome da própria empresa, o nome da empresa, originalmente a empresa Groundwork, que estamos escolhendo reformular, tenha a coisa de aterramento dentro dela.

E isso pode ser porque também na Jamaica avança ao Rastafari. Isso não quer dizer que não existam culturas que possam ter sabido o que é usar dreadlocks antes. Esse não é o ponto. A questão é que um lugar chamado Jamaica avança uma cultura e uma palavra, renomeada Rastafari, para o mundo a partir do século 20.

E eu suspeito que a ideia de Groundwork, além de ser muito precisa em termos do tipo de trabalho que a empresa estava fazendo, também é porque Groundwork, groundings com meus irmãos Walter Rodney nas décadas de 1970 e 1980 na Jamaica e assim por diante, Rastafari, etc., usaria esse tipo de linguagem.

Rastafari é uma visão de mundo que é sobre - entre suas muitas coisas - sobre uma espécie de unidade com o meio ambiente, certo? Você come o que cultiva, etc., etc., etc. Então, essas coisas simplesmente se cristalizaram quando chegou o momento, e temos explorado essencialmente como garantir que amplifiquemos essas conversas dentro do ensino que está acontecendo nesses festivais. O ensino da tradição está lá, e é consistente por causa de quem trazemos, mas

também estamos tentando encontrar maneiras de amplificar isso como parte da conversa que estamos tendo.

Tenaya King: Isso é absolutamente incrível, assim como muitos festivais que fazem parte deste programa estão realmente destacando o conhecimento tradicional porque têm as respostas.

Sim.

Keron, obviamente a sustentabilidade é realmente central para Freetown. Como suas abordagens à sustentabilidade evoluíram ao longo do tempo e o que você implementou?

Keron Niles: Quando começamos a fazer Welcome to Freetown, começamos a pensar, ok, como criamos um espaço - Welcome to Freetown para nossos ouvintes que podem não estar familiarizados, é um festival que acontece, começou no Carnaval de Trinidad e Tobago, e quando você está tendo um evento no Carnaval, há algumas expectativas.

Começamos a nos perguntar: como trazemos nosso DNA para esse espaço? E então tomamos algumas decisões, algumas decisões difíceis. Uma delas era que, por exemplo, nunca aceitaríamos publicidade pesada de álcool em nosso evento. Então, quando começamos a pensar em nosso evento, começamos a pensar, oh na verdade pessoal, já estamos caminhando para esse tipo de frente de sustentabilidade social.

Como pensar sobre o que significa tornar um evento inclusivo? Pensando em pessoas com deficiência ou com deficiência, qualquer que seja o rótulo que você escolher usar, qual - se alguém não puder subir, como eles aproveitariam nosso evento? Como pensar sobre as coisas muito práticas. E eu disse a eles, acho que é hora de darmos o passo ambiental também.

Então, na verdade, começamos na frente social e decidimos que vamos fazer a parte ambiental também. Mas, para fazer isso, decidimos não apenas fazer a coisa normal de introduzir lixeiras para reciclagem, certo? Decidimos realmente ser granulares e ver como podemos criar uma estrutura, por meio da qual começamos a monitorar a pegada ambiental do nosso evento, que inclui a pegada material e a pegada de carbono, por exemplo.

Tenaya King: Uau. Esse é um bom exemplo, eu acho, de como tudo está realmente interagindo, em seus investimentos e o tipo de vibração que você deseja criar como parte de um evento é tão influenciado por todas essas escolhas diferentes, incluindo, sim, seus patrocinadores, e quase o comportamento que você

quer que as pessoas que estão lá estejam realmente vivendo, que idealmente é gentileza e cuidado com todos, mas também é cuidado com o planeta.

Quero mudar um pouco e perguntar especificamente sobre o programa de Cultura Circular. Ouvimos falar de tantos festivais diferentes na América Latina e no Caribe, e as pessoas estavam trocando ideias e havia muitos exemplos desses festivais fazendo coisas sociais e ambientais porque eles vêm de mãos dadas.

Marvin, com Groundwork, porque eu sei que você disse que este foi seu primeiro ano. Como você achou o programa? Como - há coisas que você colocou em prática este ano, ou talvez no próximo ano?

Marvin George: Uma série de coisas boas saíram disso, na verdade. Quando lançamos o festival, no início dele, o pensamento era que as pessoas que gravitariam em torno dele realmente são como - sentimos professores, professores de artes por causa do conteúdo, esse é o tipo de coisa em que eles estariam interessados. E, claro, os trabalhadores das artes e da cultura, certo? E então o público em geral que pode estar interessado em ter essas conversas sobre tradição. Reaprender, por assim dizer, do que se trata essas coisas, principalmente por causa de quem nos envolvemos como professores mestres.

Então, por um lado, por um lado, cabia a nós mapear a paisagem para identificar quem poderiam ser esses mestres artistas, mestres trabalhadores culturais, mestres professores, trazê-los e convidá-los a entrar. E todos eles apenas disseram que sim. Eu tenho que dizer que é um. Dois, foi o envolvimento de outras agências, agências locais que estão fazendo pesquisas sobre cultura de algumas das maneiras que esperávamos fazer com o Groundwork.

Então você descobriu que a Comissão de Desenvolvimento Cultural da Jamaica, eles se envolveram, montaram um estande conosco para, para estender algumas das conversas que estavam acontecendo dentro das sessões, dentro do workshop. Fomos solicitados pelo JCDC e pelo ACIJ, Instituto do Caribe Africano [da Jamaica], para garantir que, quando fizermos isso de novo, espero que no próximo ano, envolvamos o - eles nos pediram para envolver o museu e a biblioteca também, porque eles sentem que o tipo de trabalho que está acontecendo lá dentro é significativo.

A outra coisa que temos feito - que fizemos nessas sessões - é que, quando convidamos esses artistas mestres para entrar e ministrar essas sessões, a questão da sustentabilidade pode não estar na vanguarda da mente da pessoa que está ministrando a sessão. Então, você tem alguém, por exemplo, a Dra. L'Antoinette Stines, ela dirige uma companhia chamada L'Acadco e criou uma técnica de dança, uma técnica de dança indígena caribenha, chamada L'Antech.

Mas em sua pesquisa para chegar lá, ela tem pesquisado formas de cultura jamaicana e caribenha. Kumina estava entre - Kumina está entre as formas que ela está pesquisando. Nós a trouxemos para fazer Kumina. E quando perguntei a ela sobre a questão da sustentabilidade, ela disse, bem, vou ter que pensar um pouco.

E então, em alguns minutos, ela disse, não, cara, mas eu sei o que é sustentabilidade. Porque, de certa forma, às vezes o pesquisador praticante não está necessariamente, ou sempre pensando em sustentabilidade como uma palavra, porque está fazendo isso o tempo todo. E depois de fazer uma pausa, você podia ouvi-la dando sentido a isso e tudo tendo que se cristalizar.

E então ela vai, tudo bem, pronto. E ela vem para o workshop preparada para apresentá-lo. Então o workshop se tornou uma sessão sobre Kumina, com um momento muito especial dentro dele, tendo uma conversa sobre sustentabilidade. Está lá como parte do ensino, como parte da narrativa, como parte do trabalho. As outras coisas, como caixotes de lixo separados e esse tipo de coisas.

Isso é algo que temos aprendido como parte do trabalho da faculdade. Não especificamente Groundwork. E então tentamos reiterar um pouco disso, reforçar um pouco disso na sessão também, por causa do que é um festival, reunião de pessoas. Também há uma coisa sobre comida. Keron falou sobre o consumo de álcool, mas de certa forma, festival é sobre o que quer que seja o 'fazer', e também há um senso muito forte também do que consumimos.

E uma das coisas em que insistimos, por exemplo, na nossa, foi convidar chefs locais, as pessoas que cozinhariam a comida local, as pessoas que entendem o que é a comida da terra, etc., certo? Em seu menu, há um - a porção vegana é um menu Ital. Ital é Rastafari falar para a refeição vegana.

Você tem todos esses tipos de coisas acontecendo dentro da sessão que conscientemente, inconscientemente, inconscientemente traz a conversa sobre sustentabilidade à tona, mesmo enquanto passamos o tempo dando sentido a essas performances e práticas culturais tradicionais.

E isso é o que encontramos nesta iteração em particular. Para onde vamos a partir daqui? Ah. Temos outra coisa a fazer, lembro-me de quando nos encontramos com você também, estávamos tentando descobrir o que é a lei de compensação de carbono porque precisamos, deixamos claro que deve haver uma ação ritual que é realizada dentro do festival.

E uma das coisas que pensamos é que, com as pessoas viajando de onde vêm para essas sessões conosco, o plantio simbólico de uma árvore será nosso ato

de compensação de carbono. Ou algumas árvores. E que as árvores, o que quer que seja plantado, elas têm que ser - elas têm que ser comida.

Eles não podem ser flores. Não é algum tipo de aversão à beleza ou nada, é só que tem que haver comida. Agora, quando crescer nos próximos três anos, o que você tem, que os alunos da época no campus do Edna Manley College, poderiam comer um pouco. Desfrute de uma refeição. Esse é o pensamento por trás disso. Então, nos juntamos novamente e fizemos o plantio e o pensamento é que isso completará nosso ciclo específico, para 2025.

Tenaya King: Foi realmente incrível ouvir isso. Keron, para você participar do Cultura Circular e ver como todos os diferentes festivais da América Latina e do Caribe, como você achou o programa?

Você foi inspirado em particular por alguém de quem ouviu falar ou por alguma parte específica do que aprendemos?

Keron Niles: Acho que neste momento devo informar aos ouvintes que sou professor na Universidade West Indies e meu foco é - eu dirijo o mestrado em Ciências, o Mestrado em Estudos Climáticos, certo?

Meu foco acadêmico tem sido nas indústrias culturais e na sustentabilidade e nas indústrias culturais e no meio ambiente. Então minha reputação estava em jogo, então eu não estava brincando com eles. Eu estava, eu ficava dizendo, pessoal, vamos acertar. É por isso que nós, este ano, passamos muito tempo trabalhando na estrutura de sustentabilidade e colocando os elementos de circularidade, e isso é realmente por causa da bolsa. Não teríamos, provavelmente não teríamos colocado uma ênfase tão forte na circularidade porque isso significa algo tão específico. E porque exige dados. Você entende? Então eu falo sobre literalmente - como nós realmente, não apenas como temos lixeiras para reciclagem. Temos pessoas medindo o peso de nossos resíduos.

Boa! Sim, isso é incrível.

Você entende? Por tipo, certo? Isso não teria acontecido sem esta bolsa. Então, eu só queria colocar isso lá fora como importante.

Tenaya King: Isso é muito bom de ouvir. Eu realmente queria perguntar sobre as mudanças climáticas reais. Talvez Keron, você possa nos dar um começo rápido porque nós temos - você é o professor, mas obviamente vimos furacões muito mais intensos e aumento do nível do mar.

Você acha que isso afetou - Keron, vou começar com você - você acha que isso afetou seu festival ou você pensa neles no planejamento do que você faz? Ou acho que você vê de forma mais ampla?

Keron Niles: Então, há duas coisas lá. É assim que as mudanças climáticas afetam o Carnaval como festival.

E assim acontece - porque todos os anos, as datas do Carnaval mudam, como se tivesse que ser anunciado pela Comissão Nacional de Carnaval em Trinidad e Tobago, certo? Mas como os padrões climáticos são influenciados pelas mudanças climáticas e porque agora estamos tendo furacões mais frequentes e intensos, precisamos garantir o máximo possível que os carnavais estejam na estação seca. E isso realmente importa quando você está no festival planejando um evento, porque determina se temos ou não o que chamamos de temporada longa ou curta. Este ano tivemos mais tempo porque foi em março, o que significa que eles tiveram todo o mês de janeiro, todo o mês de fevereiro para realizar eventos de carnaval.

E para os ouvintes, para que eles tenham contexto, o Carnaval não é apenas dois dias de folia nas ruas de Trinidad, é nisso que culmina. Mas antes disso, existem centenas de festas que acontecem. E essas são festas anuais. Então, quando o governo, por exemplo, quando o NCC, a Comissão Nacional de Carnaval diz, oh, o Carnaval vai ser no início de fevereiro.

O que isso significa que você tem - é que você tem uma mega temporada curta e todas essas centenas de festas vão se encaixar em janeiro. Você tem essas centenas de eventos acontecendo. Portanto, há duas coisas. Número um, há também a pegada ambiental do próprio festival, que são todas aquelas centenas de festas, além da pegada de carbono das milhares de pessoas que voam para o país para esses eventos, incluindo Welcome to Freetown, que é algo que começamos, vamos rastrear nos próximos anos.

Como agora há pessoas que voam para o país para o nosso evento, certo? Isso aumenta a pegada de carbono do nosso evento, do Carnaval de Trinidad e Tobago. Então, uma das coisas que estou tentando fazer é tentar mapear qual é a pegada de carbono das chegadas de turistas, para - para o Carnaval. Assim, obtemos um entendimento maior e melhor.

Em termos de como contribuimos para isso. Mas isso - a própria mudança climática nos afeta? Sim. Então, dependendo de quando for a data, você pode ter - há duas coisas. Se for na estação seca, quando você tem coisas intensas, você tem coisas intensas como secas que podem sobrecarregar seu suprimento de água.

E isso pressiona os produtores de eventos de fornecimento de eventos, porque as festas de espuma são uma grande coisa aqui. Você tem as pressões ambientais, certo? Passamos de muitos incêndios, incêndios florestais na estação seca para muitas inundações na estação chuvosa. Para ouvintes internacionais, a estação seca é de janeiro a maio.

A estação chuvosa é de junho a dezembro. O carnaval sempre será na estação seca, mas por causa dessas mudanças no clima, nos encontramos mais úmidos do que os carnavais normais, o que representa desafios para o planejamento de eventos. Você tem muitos equipamentos. Você tem - incluindo equipamentos elétricos que estão na estrada com essas pessoas, certo?

Portanto, os desafios logísticos impostos por essas variações climáticas não são pequenos, certo? E isso, se você é um promotor ou organizador e alugou esses caminhões, dependendo da quantidade de chuva, muitas coisas se tornam mais importantes, como - seu, o bem-estar do seu equipamento é uma coisa, mas também a segurança das pessoas.

Dependendo da intensidade da chuva, são caminhões de 16 rodas com apenas alto-falantes. Mas é só que a execução do festival em si se torna um pouco desafiadora. E o clima pode definitivamente impactar isso. Portanto, há dois implementos - que espero ter explicado - há duas coisas a considerar. Uma é como as mudanças climáticas afetam o festival em si, mas também é o impacto do festival nas mudanças climáticas.

Tenaya King: Uau, há tanta coisa lá. Acho que a quantidade de logística em que as pessoas estão pensando agora e terão que continuar pensando à medida que se torna mais séria é realmente difícil.

Marvin é o Groundwork tão afetado? Eu acho que é um formato diferente de festival, mas você se pega pensando nesse tipo de coisa também?

Marvin George: Da mesma forma, quero dizer, não na mesma escala do Carnaval, porque o Carnaval é um festival, o Carnaval de Trinidad como é um festival - É um megaevento. E o Groundwork é micro, o Groundwork está realmente pegando os elementos de outras culturas e festivais e movendo-os para um espaço mais apertado, menor e mais nicho.

Mas mesmo para fazer este primeiro, tivemos algumas dessas mesmas considerações. Originalmente, pensávamos que isso poderia acontecer, que teria acontecido no ano passado em 2024. Mas tivemos que mudar porque fomos atingidos por Beryl. A Jamaica foi atingida pelo furacão Beryl muito cedo na temporada de furacões.

Na verdade, agora está registrado, eu acho, como o primeiro furacão a tocar o solo no Caribe. Então, então você tem, você tem Beryl batendo em julho, início de julho. O que significava que - quero dizer, Kingston não foi gravemente afetado, mas houve outras paróquias que foram realmente atingidas, incluindo, é claro, St. Elizabeth, que é onde o Calabash será realizado em maio deste ano.

Tenaya King: Para os ouvintes, esse é outro festival que fez parte do programa Cultura Circular.

Marvin George: Está correto. E atingiu a tal ponto que por alguns meses, por exemplo, nos supermercados, não conseguimos encontrar bananas. Não conseguimos encontrar, eles são diferentes - porque St. Elizabeth também é como a cesta de pão da Jamaica, então é isso. Há também o fato de que, devido à forma como a temporada de furacões aconteceu no ano passado, não pudemos planejá-la em nenhum momento de 2024 porque o restante da temporada, entre junho e dezembro, é a temporada de furacões.

E sentimos isso por causa da forma como a temporada de furacões começou ... E o nível de incerteza que, que estávamos enfrentando pelo restante, simplesmente não fazia sentido. Nós brincamos com - quando descobrimos que a bolsa estava sendo aprovada, pensamos talvez em julho, depois pensamos em setembro, depois pensamos em outubro.

Então pensamos nunca, vamos fazer no próximo ano. Não, sério, foi assim que aconteceu. Foi assim que aconteceu. E então chegamos a março. Porque na mesma semana na primeira quinta-feira de março. O que temos na Jamaica é uma peregrinação a Watt Town. Watt Town é um solo sagrado na cosmovisão religiosa do renascimento jamaicano.

E vários - é como batista espiritual em Trinidad ou Lukumi. Bem, não é bem Lukumi em Cuba, mas é afro-cristão em sua prática e sua música, canto, adoração e assim por diante. Massivo, como um evento. Então, tudo isso para dizer que tivemos que mudar da estação chuvosa, a temporada de furacões, para a estação seca para facilitar este festival de dois dias.

E achamos que, no infortúnio, poderíamos ter encontrado uma data, certo?

Tenaya King: Isso soa muito bom e definitivamente, quero dizer, tão frustrante, acho que as limitações do clima, mas realmente emocionante, eu acho - que você o encontrou e o encaixou na comunidade em geral. Eu tenho um tipo final de pergunta relacionada para vocês dois. Como já falamos, ambos destacam formas de arte tradicionais. Então você fala sobre kalinda, que é em inglês, mais ou menos, luta com bastão, correto?

Marvin George: Sim. É uma luta africana em Trinidad.

Tenaya King: Keron está parecendo um pouco duvidoso! Vou encorajar os ouvintes, por favor, a pesquisar no Google. Baile de máscaras, música de panela de aço, envolvendo famílias, envolvendo a comunidade. Eu só quero perguntar, acho que finalmente, sobre como você está promovendo o aprendizado e a interação do público e, potencialmente, se você viu alguma mudança na comunidade como resultado ou crescimento ao longo do tempo? E Keron, eu poderia começar com você.

Keron Niles: É Kalinda, que é, eu acho, Marvin, você descreve o que é. Mas o que fizemos foi, então, alguns anos atrás, apenas para contextualizar seus ouvintes, alguns anos atrás, perguntamos aos nossos seguidores no Instagram, para o Freetown Collective, perguntamos a eles, que personagem tradicional você é?

E nós, o que fizemos foi vir com o questionário. Não sabíamos no que estávamos nos metendo, no final tivemos que pedir a um cientista de dados para programar o questionário para nós, foi muito. Mas tivemos que perguntar às pessoas sobre, antes de tudo, tivemos que conseguir alguém que entendesse os personagens.

E pesquisamos personagens para entender quais eram as características. E então mapeamos isso em: se você estivesse em um, se você, preferiria ficar em casa sozinho ou em um quarto escuro ou, e então mapeamos essas coisas em relação aos personagens tradicionais, certo? No final, tínhamos um teste que as pessoas poderiam fazer que lhes dizia que personagem tradicional eles eram, mas também aproveitamos a oportunidade para dar uma visão moderna de alguns desses personagens.

Como eles seriam se fossem estilizados em 2022? Foi? Ou 2023, acho que foi. Sim. Foi um pouco de stress. Então, algumas pessoas apenas diriam, você não pode fazer isso. Mas então nós ficamos tipo, é a nossa cultura. É assim que a cultura evolui. Tem que ser propriedade nossa, certo? Então, tornou-se viral em Trinidad e Tobago, não podíamos prever como as pessoas gravitariam em torno dele porque as pessoas o fizeram, as pessoas serem, sentimos que as pessoas começariam a esquecer os personagens e apenas aquele teste sozinho, tipo.

Em algumas semanas, tivemos cerca de 4.000 pessoas e esperávamos 400. Na verdade, baseamos todos os anos que temos Welcome to Freetown agora, é baseado no caráter tradicional de um membro da banda. Mas começou essa conversa. As pessoas apenas dizem, de onde são essas coisas, sabe? Porque até uma coisa é ver esses personagens na TV e ler sobre, vê-los em uma página, certo?

Mas quando você os vê, você ouve os sinos em seus pés. Você ouve o chh chh chh chh, você ouve essas coisas. Você gosta, você nem sabia! Tudo isso é muito significativo para nossa comunidade, certo? E assim, todos os anos, vamos trazer um novo personagem e vamos explicar. Com certeza vamos ter... Use esses personagens para confrontar, ouvir, no evento. Porque vimos que era muito poderoso.

Tenaya King: Isso é tão legal e uma maneira tão legal de realmente dar vida à cultura e fora de uma página e de uma tela e na vida real das pessoas e ter um impacto muito grande.

Marvin, para você, eu acho - Obviamente, Groundwork é masterclasses, o que é incrível. Mas você viu uma mudança na comunidade universitária ou na comunidade em geral?

Marvin George: Eu acho que o - há uma anedota que eu acho que gostaria de compartilhar saindo, uma sessão. Uma das coisas sobre - ao lidar com a cultura caribenha - que lá, quero dizer, estamos fazendo isso e estamos tendo a conversa sobre sustentabilidade.

Explicamos por que isso está acontecendo e por nós, não quero dizer simplesmente Groundwork. Quero dizer, mesmo com o trabalho de Freetown, como Keron já explicou, mas uma das coisas sobre essas tradições é que não podemos escapar da conversa sobre nossa colonialidade, por assim dizer. Uma vez que falamos de cultura, é para lá que ela vai. Uma das coisas que é interessante sobre o trabalho que fazemos - eu não gosto necessariamente de usar a palavra descolonizar, porque eu não sei o que é. Quero dizer, é popular na academia, mas não é necessariamente o que eu acho que é.

Acho que o trabalho que estamos fazendo está em algum lugar entre a autodefinição e as reparações. Isso é o que todo caribenho, todo mundo no mundo pós-colonial está fazendo. Eles estão falando o que, de fato, somos, certo? Como fazemos, como somos. E o negócio de reparações é o conserto. A questão de qual é essa cicatriz ou essas cicatrizes.

Como você os atende? Uma das maneiras, uma das coisas que acontece como resultado disso, por exemplo, é que você tem toda essa tradição aqui que é a base de tudo o que é popular. Tudo o que é popular na música, ou é popular na cultura que damos ao mundo, está claramente enraizado nessas tradições que usamos para viver, para sobreviver, hum, escravidão e a era colonial, e elas estão bem aqui no chão. Mas é possível por causa das maneiras pelas quais a educação colonial contínua nos socializa.

Não temos que fazer contato com nenhuma dessas coisas. Então você poderia morar na Jamaica e nunca poderia ter estado em um Kumina, que é... Culto ancestral africano tradicional na Jamaica. Você pode ver um Jonkonnu, que é um baile de máscaras, mas você pode ter medo dele, naturalmente, porque alguns bailes de máscaras estão lá para assustar. Isso é ok. Você não poderia querer ir a um pátio de reavivamento porque, sabe? Porque o estigma que surge das maneiras pelas quais...

Nossa educação colonial nos ensinou, é que essas coisas são negativas e más e más e etc., etc., etc. E saindo de nossos dois dias, a anedota é esta. Estamos tendo uma conversa pós-aula e os participantes decidem que o que estamos fazendo não é suficiente. E não se trata de fazer outro Groundwork.

Isso é - tornou-se uma conversa - precisamos ir ao pátio de Jonkonnu. E o grupo resolve - este é o primeiro dia de trabalho de base. Foi quase mágico, simples, mas realmente mágico - que no primeiro dia de Groundwork, os participantes decidem, não, cara, não podemos parar. Uma das coisas que temos que fazer é fazer uma visita a Carlton Walters e ao Kya Jonkonnu.

Temos que ir ao quintal dele. E agora, além de tentar planejar o Groundwork para 2026, a Escola de Teatro agora tem que descobrir como transportar uma comunidade de pessoas que só conhecemos por meio de um aplicativo online para um quintal Jonkonnu para que eles pudessem tocar a garota com as pessoas que têm continuado essa tradição em particular por X anos.

Você sabe o que quero dizer? Muito simples, mas realmente muito, mas muito, realmente, muito revelador do que, o que acontece no encontro, por que o - e talvez por que o encontro é importante. E também muito revelador sobre esse negócio, sobre os tipos de contato que temos que fazer conosco mesmos no trabalho que fazemos.

Sim, essa é a nossa anedota, que agora temos que ir para o quintal.

Tenaya King: Isso soa como um resultado tão bonito. E eu acho que definitivamente reunindo tudo isso, eu acho, no final, a conexão com nós mesmos e o poder da cultura e festivais e música e momentos para nos conectar com você sabe, o que está em nosso coração e o chão ao nosso redor e a natureza ao nosso redor é realmente lindo. Keron, Marvin, muito obrigado por esta conversa e por compartilhar o trabalho realmente incrível que você faz através de Welcome to Freetown e Groundwork. Estou indo ouvir um pouco de Welcome to Freetown Music agora, eu acho.

Keron Niles: Coletivo Freetown. Vá encontrar, encontre a banda. Encontre a banda Freetown Collective - Welcome to Freetown é o evento, e só para que

seus ouvintes saibam, Welcome to Freetown ocorre agora em Port of Spain, mas na maioria dos anos, ou na maioria dos anos civis, também há Welcome to Freetown em Londres também.

Tenaya King: Comece a planejar, coloque em seus calendários.

Foi um prazer ouvir, ouvir sobre tudo e todas as suas ideias. Eu acho que sim - a conexão entre a cultura e nosso planeta realmente maravilhoso.

Marvin George: Então, obrigado novamente. Sim cara, bons tempos.

Keron Niles: Bons tempos. Obrigado por nos receber.

Marvin George: Apreciei isso.